

O infamiliar, a literatura fantástica e a teoria psicanalítica da angústia

Fabiano Chagas Rabêlo¹
Karla Patrícia Holanda Martins²

¹Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Participante da Letra Freudiana – Escola de Psicanálise. Psicanalista. Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr).

²Doutora em teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista PQ do CNPq. Psicanalista. Professora nos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Introdução

Este artigo discute as conexões entre o sentimento do infamiliar (*Das Unheimliche*) (Freud, 1919/1997k) e o afeto da angústia (Freud, 1916-1917/1997i, 1933/1997n) a partir do resgate da interlocução entre a clínica psicanalítica, a literatura fantástica e a teoria literária. Espera-se, com isso, lançar luz sobre o processo de construção da teoria da angústia em Freud, além de avançar no sentido de uma descrição metapsicológica mais detalhada do conceito do infamiliar.

Destaca-se que, na obra de Freud, a consolidação de uma teoria da angústia só ocorre em função da articulação das hipóteses iniciais sobre esse tema, que datam da pré-história da psicanálise, e a dois outros conceitos forjados na década de 1910, o narcisismo e o infamiliar. Assim, na efervescência do ciclo de elaboração metapsicológica que ocorreu após o início da Primeira Guerra (Gay, 1988), Freud dedica uma conferência à síntese e articulação dos elementos que compunham a sua teoria da angústia. Todavia, como nos alerta Figueiredo e Coelho (2018), apesar da importância conferida a esse conceito, nesse momento, a angústia ainda não está colocada no centro da explicação dos adoecimentos psíquicos. É apenas com a segunda teoria da angústia, já no contexto da segunda tópica, que Freud (1926/1997m, 1933/1997n) vem suplementar e corrigir as elaborações desenvolvidas até então (Freud, 1915/1997h, 1916-1917/1997i), enodando a angústia no âmago da dinâmica do recalque. Seguindo as indicações de Figueiredo e Coelho (2018), cabe acrescentar que, nessa etapa mais tardia, Freud reconhece a necessidade de articular a angústia a outros mecanismos de defesas que não estavam no foco do debate em torno das neuroses de transferência.

Nesse movimento de revisão, retificação e ampliação da teoria psicanalítica, desponta como estratégica a interlocução com a literatura, sobretudo a fantástica, o que se constata na análise que Freud (1919/1997k) realiza do conto de E. T. A. Hoffmann (1772-1826 [1817/2015]), “O homem de Areia”. A partir de então, esse texto se tornou paradigmático não só para o entendimento do processo de consolidação da literatura fantástica no início do XIX (Batalha, 2012), mas também, já no século XX, para a teorização psicanalítica da angústia e do infamiliar (Ferreira, 2009; Leite, 2009).

Por outro lado, é curioso constatar que, a partir de meados do século XX, esses dois conceitos têm sido frequentemente utilizados por teóricos da literatura para a delimitação do território da literatura fantástica e para a problematização das variações que ela sofreu desde o seu surgimento (Alazraki, 1999; Roas, 2014; Todorov, 2012). Nesse contexto, a interrogação das diferentes possibilidades de agenciamento da angústia na experiência de leitura vem subsidiar uma diferenciação entre o fantástico e outras modalidades literárias fronteiriças, como é o caso da literatura policial, de terror, de suspense e a ficção científica (Batalha, 2012; Todorov, 2012; Vax, 1975).

Faz-se necessário reconhecer, todavia, que os limites entre esses territórios literários são fluidos e que há inúmeras zonas que preservam características híbridas, fato que levou alguns autores a congregá-los em uma categoria mais genérica denominada *insólito* (García, 2012). Isto é, uma literatura do inusitado e do extraordinário. Essa nova designação não fez diminuir o interesse pela especificidade de cada um desses filões literários. Pelo contrário, ela tornou ainda mais evidente a fina e complexa relação entre eles e a amplitude das variações que a angústia pode assumir em função dos artifícios narrativos que lhe dão suporte.

Deve-se ter ainda em vista que desde Hoffmann aconteceram mudanças significativas nas estratégias e figuras mais utilizadas pela literatura para conjurar a angústia (Alazraki, 2001; Roas, 2014). Decorre daí que não só o fantástico como também as modalidades literárias vizinhas estão em constante renovação. O desgaste dos clichês e dos temas mais icônicos impõe a necessidade de criação de novas fórmulas e arquiteturas textuais para que seja obtido o efeito estético que cada uma das modalidades literárias requer para se perpetuar e manter a sua relevância (Calvino, 2004).

Entende-se, portanto, que as estratégias narrativas da literatura fantástica são recursos intencionalmente produzidos para provocar no leitor uma expectativa angustiada moderada e estável por meio da construção de uma ambiência sombria e lúgubre (Calvino, 2006; Casares, 2013), desencadeando uma forma específica de fruição estética.

É importante salientar que, apesar de a contribuição de Lacan sobre a angústia não estar incluída no recorte deste artigo, a conexão entre o infamiliar e a segunda teoria freudiana da angústia, estabelecida no “Seminário, livro 10” (Lacan, 1962-1963/2005), constituiu o ponto de partida desta investigação. É digno de nota que, nesse momento de seu ensino, Lacan, assim como fez Freud, apoia-se no comentário de textos fantásticos para avançar na sua teorização.

A primeira parte deste artigo é dedicada à análise do desenvolvimento da teoria da angústia em Freud, desde a pré-história da psicanálise até as conferências de 1916-1917. Nesse período, ele estabelece a hipótese da angústia como resto do recalque e, baseado nessa ideia, explora a distinção entre angustia real e neurótica.

No segundo tópico, debate-se a segunda teoria da angústia a partir da referência ao infamiliar. A angústia passa então a ser entendida em função de duas variantes: a angústia sinal que, modulada e atenuada, funciona como gatilho do recalque, e o desenvolvimento da angústia, que evidencia o fracasso dos mecanismos psíquicos de defesa. Nesse momento, valoriza-se o comentário de Freud (1919/1997k) do conto de Hoffmann, assim como a sua crítica à concepção de Jentsch (1906) sobre o sentimento do *Unheimlichen*.³

³É importante indicar uma diferença de grafia em Freud e Jentsch. Em comum, ambos se referem ao mesmo fenômeno e se valem do mesmo recurso disponível na língua alemã de substantivar adjetivos. No entanto, enquanto Jentsch declina o *unheimlich* no masculino e acusativo – isto é, tratando-o como objeto da oração – (*Unheimhlichen*), Freud o faz como um temo neutro, no nominativo (como sujeito da oração), precedido do artigo definido (*Das Unheimhliche*). A opção freudiana talvez aponte para o caráter sexualmente indefinido do infamiliar, assim como para o efeito de esvanecimento que esse sentimento promove, na condição de ruptura e descontinuidade do fluxo narrativo que assujeita o agente.

Na terceira parte deste texto, debate-se como a discussão em torno do infamiliar e da angústia contribuiu no âmbito da teoria literária para o desenho dos limites do território do fantástico. Na conclusão, depois de identificar as vias pelas quais o conceito do infamiliar pavimentou o caminho para a consolidação da teoria psicanalítica da angústia, interroga-se de que maneira a investigação das manifestações desse afeto, na clínica e na literatura, pode contribuir para o enriquecimento da definição psicanalítica do infamiliar.

A primeira teoria freudiana da angústia

O reconhecimento da dinâmica da angústia nas afecções nervosas, assim como o desafio de seu manejo, esteve presente na prática de Freud desde a pré-história da psicanálise, ainda quando atuava como clínico geral. Na metade da década de 1890, Freud (1895/1997a) já destaca a complexa rede causal que liga o surgimento dos sintomas neuróticos às manifestações da angústia, fazendo notar as variações que esse afeto traz consigo: por vezes, apresenta-se de forma crônica e contínua, outras como um fato intermitente e episódico; em alguns casos se desenvolve de maneira branda e difusa, confundindo-se com um estado de nervosidade comum, em outros, irrompe como um ataque agudo e intenso que beira à sensação de morte ou enlouquecimento; em certas situações está atrelado a uma representação que deve ser evitada, como na fobia, em outras, é descrito como algo gestado de forma profundamente misteriosa e aleatória; há também momentos em que a angústia está associada a sintomas corporais difusos e, em função disso, dificilmente é nomeada ou reconhecida como tal, como em algumas formas de depressão.

De todo modo, as manifestações desse afeto evocam uma implicação subjetiva inarredável, que não se deixa obscurecer pelas explicações físico-neurológicas. Para explorar essa dimensão psíquica da angústia, Freud (1895/1997a) promove uma revisão das categorias nosológicas da psiquiatria de seu tempo. Partindo do contraste com um quadro clínico já reconhecido pelo cânone médico, a neurastenia, ele sugere a criação de uma nova categoria de afecção nervosa, a neurose de angústia. Para isso, põe em evidência as peculiaridades da apresentação desse afeto nos dois casos. Ainda que não exclua por completo a interveniência de outro fator etiológico, Freud defende que o desencadeamento da angústia possui na grande maioria dos casos uma origem sexual. Ela é fruto de uma carga de excitação impedida de satisfação, que é transformada em afeto. Esse argumento é, como será apresentado a seguir, o núcleo da primeira teoria freudiana da angústia (Freud, 1915/1997h, 1916-1917/1997i).

Freud (1895/1997a) propõe então que na neurastenia o represamento da libido é parcial, enquanto na neurose de angústia a retenção ocorre de modo mais massivo. Nesta, as manifestações da angústia comparecem em primeiro plano; naquela elas estão

associadas a outros sintomas, como a fraqueza, o desânimo e o rebaixamento do humor. Ambas são neuroses atuais, isto é: sua causa localiza-se em um evento recente que impediu a descarga pulsional de maneira apropriada. A lista desses eventos é longa: a abstinência, a masturbação, a frigidez, o uso de métodos contraceptivos, como o coito interrompido e preservativos rudimentares, entre outros. É pontuado ainda o caráter cumulativo que a energia sexual impedida de satisfação possui, fazendo com que a repetição dessas situações produza uma gradativa predisposição à nervosidade.

No mesmo ano, em resposta a uma resenha redigida por M. J. S. von Löwenfeld (1809-1897), um influente médico de Munique, Freud (1895/1999b) ratifica e complementa as ideias apresentadas em seu artigo. Segundo ele, o cerne da crítica de Löwenfeld à sua teoria está na denúncia do que considera uma supervalorização da sexualidade na etiologia das afecções nervosas e na negligência da influência de fatores traumáticos e hereditários nesse processo. Para desbaratar esse argumento, a réplica de Freud explora a diferença entre causa efetiva e evento desencadeante, demonstrando daí a complexa combinação de fatores que atuam na etiologia das neuroses. Com isso, ele defende a importância de uma anamnese cuidadosa para que seja deslindada a intrincada relação causal em voga nos sofrimentos psíquicos. Chama atenção para a existência de uma censura social que dificulta a expressão de temas relacionados à sexualidade, o que contribui para que a influência desses conteúdos seja menosprezada na avaliação das afecções nervosas em geral.

A partir desse argumento, Freud (1895/1999b) retoma a discussão sobre a participação da angústia na dinâmica da histeria. Ele resgata então a diferença entre as neuroses atuais – a neurastenia e a neurose de angústia – e as neuropsicoses de defesa, grupo no qual estão incluídas as histerias de angústia e de conversão, a neurose obsessiva e as psicoses alucinatórias agudas⁴ (Freud, 1894/1999a, 1895/1997a). Aqui o diferencial está na mediação de um mecanismo psíquico duradouro e estratificado. Freud insiste no fato de que, da mesma forma que nas neuroses atuais, há na etiologia das neuropsicoses de defesa uma forte participação da sexualidade. A expressão desse componente, no entanto, encontra-se mais disfarçada, distorcida e deslocada, uma vez que o mecanismo psíquico que impede o fluxo da energia sexual remonta a um passado distante, performando uma longa cadeia composta por diferentes etapas.

Mais adiante, Freud (1895/1999b) defende que, frequentemente, as neuroses atuais podem estar associadas às psiconeuroses de defesa, na medida em que uma tensão relacionada a um evento atual pode evoluir para um conflito psíquico interno, na condição de estratégia suplementar de estabilização da economia psíquica. Daí que um quadro de neurose atual pode servir como uma situação desencadeadora de uma neuropsicose de defesa, estando a angústia no cerne desse processo.

⁴Em 1896, Freud (1896/1999c) exclui as psicoses alucinatórias da categoria das neuropsicoses de defesa, inserindo, no seu lugar, as paranoias. Dois anos depois, ele muda a denominação desse grupo para psiconeuroses (Freud, 1898/1997b).

Constata-se nas neuropsicoses de defesa – ou psiconeuroses – uma relação peculiar entre sintoma e angústia, uma vez que esta comparece como um resto em relação aos fracassos do primeiro (Freud, 1898/1997b). Quando o conflito psíquico é suficientemente equacionado pelo sintoma, a angústia tende a desaparecer. Por outro lado, quando essa homeostase é comprometida, ela volta a se manifestar. Daí a conclusão: o sintoma representa uma defesa contra a emergência da angústia. Essa, por sua vez, é apontada como a via de escape mais acessível para a energia sexual diante dos obstáculos à sua descarga.

Já no contexto da “Interpretação dos sonhos”, é importante registrar a explicação que Freud (1900/1997c) traz dos sonhos de angústia. Mantendo-se fiel à tese de que o sonho é a realização de um desejo sexual infantil inconsciente recalçado, ele sustenta que o desenvolvimento da angústia nos sonhos e pesadelos representa uma falha do disfarce da realização do desejo, que é resultado do trabalho onírico. A força motriz primordial do sonho – a busca por uma satisfação sexual substituta – é desvelada pela censura, que, apesar de significativamente diminuída, perdura de forma residual durante o sono. Assim, da mesma forma que nos sintomas, a angústia nos sonhos remete a uma forma alternativa de escoamento de uma moção sexual que até então estava acomodada em uma outra via de satisfação, que é desarticulada. Daí a afirmação: o que causa prazer em um registro produz desprazer em outro.

Já na segunda metade da década de 1910, após a escrita da sequência de artigos metapsicológicos, no rol das primeiras conferências introdutórias, Freud (1916-1917/1997i) sustenta que a angústia é um ponto nodal da organização psíquica, que a elucidação de sua dinâmica pode lançar luz sobre o funcionamento do aparelho psíquico de forma abrangente. Nesse momento, ele sintetiza a sua primeira teoria da angústia, que é solidária à concepção de recalque recentemente conceitualizada (Freud, 1915/1997h). Para Freud, a angústia é uma modalidade de representação da libido que surge como resto do recalque (*Verdrängung*). Esse mecanismo, que está presente nas neuroses de transferência,⁵ atua separando a representação verbal da pulsão de seu representante quantitativo – o afeto –, que é definido como a expressão corporal do *quantum* de libido, que até então estava associado a uma representação verbal que foi desarticulada. Doravante, cada uma dessas formas de representação da pulsão segue um destino diferente: enquanto a representação verbal fica restrita ao campo do inconsciente, estando impedida de uma expressão consciente, os representantes quantitativos da pulsão desenvolvem-se na forma de manifestações somáticas afetivas, sendo a angústia a sua roupagem mais frequente. Ela é, segundo Freud (1916-1917/1997i), a moeda de troca comum do psiquismo, o destino mais usual da libido diante dos obstáculos para a sua satisfação.

⁵Aqui Freud (1914/1997) propõe mais uma distinção, dessa vez, entre neuroses de transferência e neuroses narcísicas. O primeiro grupo contém as histerias, de angústia e conversão, e a neurose obsessiva. Diferentemente do que acontece nas psiconeuroses, cuja referência é mantida na nosologia psicanalítica, ele exclui a paranoia do rol das neuroses de transferência. O grupo das neuroses narcísicas, por sua vez, abarca a esquizofrenia, a paranoia e a melancolia. Cabe perguntar se as neuroses narcísicas recobrem a totalidade do território das psicoses ou se ambos constituem grupos distintos.

Nesse momento, Freud (1916-1917/1997i) discute a tríade angústia (*Angst*), medo (*Furcht*) e susto (*Schreck*) para elucidar alguns aspectos da dinâmica da angústia no psiquismo. Para ele, angústia é um termo mais genérico, normalmente utilizado para designar esse afeto em estado flutuante, desatrelado de uma representação. O medo ou temor remete à vinculação da angústia a um objeto específico, como acontece na fobia, ainda que esse objeto assuma, por vezes, uma conformação enigmática, como demonstrado no caso do pequeno Hans (1909/1997e), para quem o medo de cavalo assume diversas variações. Já o susto representa a irrupção abrupta da angústia sem uma preparação prévia. Conclui então que a angústia remete a um trabalho psíquico de amortecimento do impacto que algumas experiências potencialmente traumáticas podem produzir.

A partir daí, Freud (1916-1917/1997i) retoma a distinção entre angústia real e neurótica proposta pela psiquiatria de seu tempo. A oposição desses dois termos da perspectiva da psicanálise não é tão simples. Na verdade, o que Freud faz é relativizar a sua importância para destacar o ponto do psiquismo no qual fantasia e realidade se enodam.

Segundo a medicina da qual Freud retira essa distinção, a angústia real está alicerçada na percepção de uma situação de perigo atual e concreta. A irrupção desse afeto contribui para a autopreservação do indivíduo, favorecendo uma reação específica e adaptada a uma situação avaliada como ameaçadora. Daí a suposição de sua origem filogenética. Freud, todavia, chama atenção para o fato de que a avaliação da situação de perigo está intrinsecamente relacionada ao estado de conhecimento que se tem do contexto no qual se vive. Assim, para alguém destreinado, um determinado barulho na floresta ou a presença de um tipo de nuvem no céu podem parecer algo banal, enquanto para um nativo de uma tribo indígena ou um navegador experiente tais situações constituem o sinal de um perigo iminente: uma fera que se prepara para o ataque e a aproximação de uma tempestade, respectivamente (Freud, 1916-1917/1997i).

A angústia neurótica, por sua vez, possui um caráter patológico. Sua gênese é psíquica. Ela não se presta à função de autopreservação, pois não está lastreada na percepção de um perigo concreto e, quando está, a avaliação da ameaça é desproporcional, desarrazoada e sem objetividade.

Para Freud, essa lógica que contrapõe a angústia neurótica à real carece de uma revisão. Se, numa perspectiva mais conservadora, tudo leva a crer que a angústia real é mais primordial e atávica, antecedendo à neurótica no curso do desenvolvimento, a análise mais detalhada das manifestações da angústia na infância e na fobia vem mostrar que a relação entre elas é bem mais complexa e sobredeterminada. Nesse sentido, o caso do homem dos lobos (Freud, 1918/1997j), publicado um ano antes do ensaio sobre o infamiliar, constitui uma etapa importante desse processo de elaboração conceitual.

De acordo com Freud (1916-1917/1997i), não existe um fundamento congênito que garanta uma acoplagem estável entre a angústia e um perigo exterior da realidade, como acontece no plano instintual com algumas espécies de animais. Por conseguinte, a angústia neurótica não pode ser definida simplesmente como um desvio ou perturbação da angústia real.

A partir dessa discussão, a relação da angústia com a sexualidade, já presente na investigação freudiana desde a pré-história da psicanálise, ganha um novo relevo. Freud retoma então a ideia de que a sexualidade está estruturalmente vinculada à radical condição de desamparo do ser humano. Em função disso, o principal elemento desencadeador de angústia torna-se a ameaça da perda do vínculo libidinal com um outro/cuidador.

A essa dificuldade de equacionar as angústias real e neurótica com a hipótese da etiologia sexual das neuroses, soma-se outro problema: como conjugar os dois elementos mais importantes de sua teoria: a angústia como resto do recalque e como sinal de perigo? Freud (1916-1917/1997i) chega a dizer que o desenvolvimento da angústia – quando ela ultrapassa um determinado limite tolerável – é o que determina a sua condição de sinal de perigo. O problema dessa explicação é o caráter disfuncional que a angústia assume a partir daí. Mesmo quando ela se mostra capaz de antecipar o perigo, prestando-se a uma sinalização, deve-se reconhecer que a sua exacerbação não contribui em nada para a mobilização de uma reação apropriada de fuga, esquiva ou enfrentamento. Normalmente, o desenvolvimento da angústia leva a uma situação de paralisia ou a uma resposta pouco assertiva.

Figueiredo e Coelho (2018) apontam aqui os sinais de uma novidade na teoria da angústia que irá se consubstanciar no contexto da nova tópica, qual seja: se no primeiro momento a angústia “resulta do adoecimento, em outra, ela está no centro dinâmico desses adoecimentos, mobilizando uma vasta gama de mecanismos de defesa” (p. 53). Os autores sublinham que na primeira teoria da angústia Freud insiste na dinâmica do conflito pulsional – pulsão de autoconservação versus pulsão sexual – e no recalque como defesa; enquanto, na segunda, a ênfase recai no risco do desenvolvimento de excessos de afetos não ligados. Com isso, Freud se descola de uma matriz em que a ativação das defesas bem-sucedidas são responsáveis pelo adoecimento para outra, na qual a eclosão da angústia está relacionada a uma experiência de passivação.

Percebe-se que, nessa primeira etapa da articulação do problema da angústia, a literatura ainda não participa da discussão e, ao que tudo indica, Freud (Gay, 1988) ainda não havia se dedicado ao desenvolvimento do conceito do infamiliar (*Unheimliche*). Vejamos o que acontece quando esses dois elementos entram em cena.

A segunda teoria freudiana da angústia

Uma década depois de publicar a síntese de sua primeira teoria da angústia, Freud (1926/1997m) reformula a sua abordagem sobre esse tema a partir de duas linhas

de argumentação. A primeira, de matriz econômica, diz respeito à quantidade de energia psíquica mobilizada pelo recalque. Ao se estipular que a angústia é o resto da operação do recalque, cria-se a expectativa de que a sua intensidade seja diretamente proporcional à totalidade da libido deslocada. Para Freud (1933/1997n), essa ideia não pode ser elevada ao patamar de regra geral. A exacerbação das manifestações da angústia em função do recalque só ocorre em algumas circunstâncias específicas.

A segunda linha argumentativa, de natureza tópico-dinâmica, remete a uma nova descrição do mecanismo do recalque. Com isso, Freud (1933/1997n) desloca o foco da investigação. Em vez de interrogar o conteúdo do material recalcado, as transformações que ele sofre e o destino dado aos subprodutos dessa operação, Freud (1923/1997l) passa a se preocupar com a natureza e o funcionamento da instância recalçadora.

Nesse momento, um problema metapsicológico que já havia sido circunscrito em outros momentos retorna com uma nova roupagem: o recalque não pode ser apresentado como uma operação pré-consciente, tampouco inconsciente. Ele se situa no limite entre os dois sistemas (Freud, 1915/1997h). Isso porque, por um lado, os processos inconscientes buscam invariavelmente uma via de expressão. Eles não impõem a si mesmo qualquer restrição.⁶ As limitações à descarga pulsional devem advir de uma instância psíquica diferenciada e independente.

Por outro lado, supor que essa função é desempenhada pelo consciente/pré-consciente resulta em um paradoxo, pois um dos principais efeitos do recalque é a restrição do material disponibilizado à elaboração⁷ por esse sistema psíquico. Isto é, o recalque incide sobre as representações inconscientes antes mesmo de elas serem apresentadas ao sistema pré-consciente/consciência. Quando o conteúdo recalcado alcança o pré-consciente, está caracterizado, portanto, uma falha do recalque. Nessa situação, a resistência que incide sobre esse material deve ser atribuída a outro mecanismo psíquico de defesa auxiliar, como o contrainvestimento (Freud, 1923/197l).

Como consequência dessas premissas, o conflito psíquico, que na primeira tópica estava restrito à fronteira entre inconsciente e pré-consciente, expande-se por todas as direções da superfície do eu. Constata-se então três avatares da angústia: a angústia moral, derivada da tensão entre Eu e Supereu; a angústia real, que surge do conflito entre o eu e a realidade externa; e, por fim, a angústia pulsional, caracterizada pelo atrito entre o Eu e o Isso. De acordo com Freud, (1933/1997n), as duas primeiras devem ser consideradas modalidades secundárias da angústia, uma vez que, em última instância, elas derivam de um conflito pulsional.

⁶Já no contexto da segunda tópica, Freud (1923/1997k) se refere a uma resistência do Isso (*Es*) inconsciente, que favorece a manutenção das vias de satisfação sintomáticas substitutas, mesmo quando o conflito psíquico que as originou tenha se dissipado. Entende-se que, mesmo nessa situação, não se pode falar em uma defesa ou recalque inconsciente, haja vista se tratar de uma inércia da libido, uma tendência pulsional.

⁷Demarca-se aqui a diferença entre os verbos elaborar (*verarbeiten*), de sentido mais genérico, e perlaborar (*durcharbeiten*), que remete às transformações operadas em análise.

É possível supor então que cada uma dessas modalidades de angústia corresponda a modos distintos de adoecimento psíquico e de direção de cura. Indo um pouco mais longe, é lícito cogitar que essas três formas de angústia correspondem a vias possíveis de realização do infamiliar. Assim, a dissolução narcísica que a experiência do *Unheimliche* comporta pode ocorrer a partir da subversão de uma situação socialmente sancionada, do rearranjo súbito dos marcos da realidade cotidiana ou de uma experiência libidinal intensa e impactante.

Um outro problema que surge dessa discussão é a pergunta sobre as motivações determinantes do recalque. Tal questão faz Freud (1895/1996) retroagir às suas hipóteses de trabalho do tempo dos “Estudos sobre a histeria” para reavaliá-las. Nesse momento de sua pesquisa clínica, ele defende a existência de um sistema denominado Eu-consciência (*Ichbewusstsein*) que se opunha ao inconsciente (*Unbewusstsein*). O recalque é descrito simultaneamente como um processo de regulação psíquico e um mecanismo de defesa. Aquilo que se apresenta como egodistônico, contrário ao Eu, deve sucumbir ao recalque; o que é qualificado como egosintônico, conforme o Eu, pode então se beneficiar da elaboração do processo secundário.

Entre 1923 e 1926, Freud formula o problema de outra maneira: o que, para além dos determinantes sociais imediatos, torna um conteúdo egodistônico? Qual a natureza do Eu? Qual a sua origem? Qual a sua tópica?

O primeiro esboço de resposta a essas questões já havia sido formulado no texto *Entwurf einer Psychologie*⁸ (Freud, 1895/1962), cuja tradução brasileira recebeu o título “Projeto para uma psicologia científica”. Aqui, Freud, valendo-se de uma linguagem neurológica, apresenta o Eu como um sistema de neurônios do sistema *psi* que se encontra organizado em rede e modificado por trilhamentos (*Bahnungen*). Tal sistema desempenha a função de regulação das quantidades energéticas que circulam no interior do aparelho psíquico. Isso quer dizer que o funcionamento do Eu está assentado em um fluxo de energia ligado, o processo secundário, que se opõe ao estado de energia livre, o processo primário, que é prevalente no sistema inconsciente. Essa definição contribuiu para que Freud (1895/1996) atrelasse o Eu (*Ich*) à Consciência (*Bewusstsein*).

Uma década depois da escrita do “Projeto” e da publicação dos “Estudos sobre histeria”, essa abordagem é atrelada à primeira concepção dual de pulsão (Freud, 1905/1997d). O funcionamento e a origem do Eu são então associados a uma tendência inata de autopreservação do indivíduo, que se contrapõe à sexualidade, cuja meta é a preservação da espécie. Tem-se daí que, enquanto a pulsão sexual é mais maleável e, por essa razão, possui uma participação maior na gênese das neuroses, a pulsão do Eu é menos afeita a desvios e transformações.

⁸Literalmente: “Rascunho para uma psicologia”.

Não demorou para que essa hipótese de trabalho tivesse suas falhas apontadas pela pesquisa clínica, sobretudo as que se debruçaram sobre o tratamento das psicoses. Freud (1911/1997f) e seus colaboradores logo se dão conta de que o Eu não pode ser descrito como efeito imediato de uma tendência inata, tampouco ele serve automaticamente à autopreservação.

Dessas contestações, surge a concepção de narcisismo (Freud, 1914/1997g). Trata-se da ação psíquica que origina o Eu, cujo fundamento deve ser buscado na própria dinâmica da pulsão sexual, incluindo aqui seu circuito e sua relação com o objeto. A partir da publicação do texto sobre o narcisismo, o Eu passa a ser tratado como uma instância psíquica que, assim como os objetos da vida amorosa, é investido libidinalmente. Tal fato lhe confere a função de reservatório da pulsão sexual, tornando-o uma peça importante para a regulação da economia psíquica. Assim, o Eu, a partir dos investimentos recebidos, torna-se eventualmente capaz de proteger o aparelho psíquico contra as variações bruscas no equilíbrio dos investimentos pulsionais impostas pelas contingências da realidade.

Essas observações constituem um pré-requisito importante para a reformulação do papel da angústia no psiquismo. Um outro fator crucial para que isso ocorra é a referência à literatura fantástica hoffmanniana, que explora no leitor um sentimento de estranhamento e inquietação, que é traduzido por Freud (1919/1997k) como *Das Unheimliche*. A análise desse texto literário permite a Freud isolar, nomear e interrogar algumas questões clínicas relacionadas à angústia ainda carentes de uma explicação metapsicológica mais precisa. Sugere-se que a análise do conto “O homem de areia” (Hoffmann, 1817/2015) enceta uma nova análise genética da angústia, relativizando o peso de alguns pressupostos inatistas e funcionalistas que permeavam a abordagem desse tema. O conto em questão possibilita a Freud uma leitura até então inédita do processo de composição da angústia, que se desdobra desde as suas manifestações mais frugais, cotidianas e elementares até às suas formas mais bizarras, sombrias e desconcertantes, como na culminância da história de Hoffmann, quando, no paroxismo desse afeto, produz-se uma passagem ao ato mortífera.

A partir do comentário dessa história, Freud recusa a tese de Jentsch (1906), que reconhece como matriz do sentimento do infamiliar uma incerteza sobre a realidade. Dessa perspectiva, é o desconhecimento e a inexperiência do indivíduo que torna a realidade ameaçadora. Seguindo a análise de Jentsch do texto de Hoffmann, o cerne dramático da trama de “O homem de areia” está na dúvida sobre se Olímpia – a boneca por quem Nathanael, o protagonista, se apaixona – é um autômato ou um ser humano. Logo, a inquietação e o desconforto suscitados por essa situação constituem um caso específico de uma insegurança intelectual.

Diferentemente do psiquiatra alemão, Freud (1919/1997k) vai decompor o clímax da angústia de Nathanael, tomando a sua forma final como uma construção que reúne

vários fragmentos heterogêneos de memória de diferentes momentos de sua vida, da atualidade à infância. O *Unheimliche* é então apresentando como um sentimento que põe em evidência um ponto limítrofe entre Eu e não-Eu, no qual a angústia desponta em estado germinal, ainda desvinculada da função de indicar uma ameaça advinda da realidade. Daí, por corroborar o estabelecimento de uma fronteira egoica sob a forma de um estado atenuado de angústia, o *Unheimliche* pode ser caracterizado como uma etapa geneticamente anterior e constituinte da angústia-sinal. Para que essa modulação surja e atue como motor do recalque, faz-se necessário que o sentimento do infamiliar seja amalgamado à memória afetiva do trauma do nascimento,⁹ que estabelece um estado de tensão relativa ao perigo iminente do colapso da homeostase psíquica. Assim, o que inicialmente poderia suscitar prazer torna-se desprazeroso.

Com isso, a partir da segunda metade da década de 1920 (Freud, 1926/1997m), a angústia passa a desempenhar a função de gatilho do recalque, operação que mantém fora do campo da consciência qualquer representação que seja avaliada como ameaçadora ao Eu. Em suma: o que motiva o recalque é o vislumbre da possibilidade do fracasso da regulação psíquica em função do prosseguimento da elaboração de uma determinada representação. O paradoxo que surge daí é que, ao lançar mão do recalque, o Eu abdica de uma parcela de seu domínio, tornando-se refém daquilo que é alijado para fora de sua constituição. O recalque realça e atualiza um ponto de vulnerabilidade da constituição do Eu, uma ferida narcísica.

Deve-se ressaltar que, diferentemente do que ocorre no recalque, a representação que desencadeia o sentimento do infamiliar não é necessariamente vivenciada como hostil. Antes disso, ela evoca uma espacialidade psíquica peculiar, um lugar de soleira que remonta a um momento do desenvolvimento psíquico, o narcisismo primário (Freud, 1919/1997k), quando os objetos percebidos e investidos libidinalmente ainda não eram totalmente reconhecidos como parte integrante do Eu.

Dessa forma, a partir do infamiliar, a angústia, inicialmente uma reação automática e inespecífica, torna-se um sinal, cuja função é preservar a homeostase nas relações de troca pulsionais. Sugere-se a partir daí uma equação: o recalque primário, o *Urverdrängung* (Freud, 1915/1997h), está para o infamiliar assim como o recalque secundário, o recalque propriamente dito, está para a angústia sinal.

Essa reformulação subverte a oposição inicialmente adotada, ainda que com reservas, entre angústia real e neurótica. Essa hipótese é substancialmente relativizada a partir do momento em que Freud verifica que o sentimento de realidade está irremediavelmente atrelado à regulação da economia psíquica. Com isso, a angústia real ganha uma nova significação. Ela passa a ser entendida como a reedição de um estado

⁹Rank (1924) sugere que a angústia repete uma situação afetiva arcaica que está presente tanto no campo filogenético como ontogenético. Trata-se, para ele, do trauma do nascimento. Freud utiliza-se dessa ideia dando-lhe uma nova conotação.

afetivo atávico, original e estruturante – a memória corporal do trauma do nascimento –, o que lhe confere a função de sinal de uma ameaça pulsional e gatilho do recalque. Nesse sentido, toda angústia é real, pois ela deriva diretamente desse estado primitivo de desamparo vivenciado por todo ser humano.¹⁰

A partir dessas premissas, Freud (1926/1997m) analisa dois mecanismos de defesa suplementares ao recalque que estão intimamente relacionados à dinâmica da angústia. O primeiro deles, a inibição, é descrito como a suspensão ou perturbação de uma função psíquica atrelada ao Eu, sob a condição de que o livre exercício dessa função pode eventualmente reacender um conflito pulsional latente. Trata-se de um processo análogo à esquiva, que preserva o aparelho psíquico da necessidade de lançar mão do recalque, sob o preço da restrição da sua liberdade.

O sintoma, por sua vez, é uma transformação do Eu, uma formação de compromisso, que concilia tendências opostas e conflitantes, impedindo o desenvolvimento da angústia. Por isso, ainda que promova uma cota de sofrimento, ele também oferece uma via de satisfação pulsional substituta, o que contribui para sua manutenção e estabilização. O sintoma também é apresentado como um enquistamento do Isso no Eu. Por meio dele, um saber inconsciente está incrustado de modo desarticulado no Eu. Daí o seu caráter enigmático e absurdo.

Assim, se a inibição busca evitar o conflito, o sintoma procura reduzir os estragos que o desenvolvimento da angústia provoca. Pode-se construir daí uma sequência, tendo em vista o grau de desarticulação da homeostase psíquica: conflito potencial, angústia sinal, desencadeamento do conflito, inibição, recalque, sintoma e desenvolvimento da angústia. A angústia como sinal mobiliza o recalque como uma reação análoga à fuga diante de uma situação ameaçadora. O desenvolvimento da angústia acontece quando todos os mecanismos de mediação supracitados falham. Nesse caso, a representação hostil ingressou no sistema pré-consciente/consciente, não encontrou nenhuma formação de compromisso que lhe abrigasse, sendo que a sua carga afetiva também não foi suficientemente suprimida.

O resgate desse percurso freudiano torna possível afirmar que toda angústia, pelo menos no campo da clínica das neuroses, pode ser qualificada como angústia de castração (1933/1997n). Isto é, tanto a angústia sinal como a real e a neurótica são modulações de uma situação de desamparo primitiva por influência do narcisismo.

Destaca-se como essas proposições freudianas seguem uma orientação clínica, ainda que se reconheça como crucial a interlocução com a literatura. Pergunta-se então: Como é avaliado o problema da angústia no campo da teoria literária? Como esses problemas levantados pela prática clínica psicanalítica comparecem na discussão sobre a literatura fantástica?

¹⁰É interessante fazer uma conexão dessa discussão com a expressão *filho de chocadeira*, designação atribuída à figura do diabo no romance *O auto da compadecida*, de Ariano Suassuna. Trata-se de uma definição do inumano, um ser que não traz as marcas nem do desamparo nem do cuidado materno e que, por isso, é incapaz de se compadecer da dor do outro.

A angústia no fantástico e na teoria literária

Este tópico trata da importância da problematização da angústia para o desenvolvimento de uma teoria do fantástico. Realiza-se daí uma comparação entre as abordagens dessa questão na teoria literária e na metapsicologia freudiana.

A esse respeito, cabe inicialmente perguntar se existem diferenças significativas entre as vivências de angústia no campo da ficção e da vida cotidiana. Entende-se que sim, o que não impede de reconhecer que, nos dois casos, está-se diante do mesmo fenômeno e que o entendimento advindo de uma situação corrobora a explicação da outra. Adota-se, portanto, o ponto de vista de Borges (Borges & Ferrari, 2009), para quem não existe, em última instância, uma literatura realista no sentido estrito do termo, uma vez que o leitor está ciente de antemão que a ficção literária é uma mentira, ainda que se pondere que seu objetivo final seja franquear o acesso a uma verdade estética subjetiva.

Visto dessa perspectiva, o ato de leitura pressupõe um rebaixamento da prova de realidade e, simultaneamente, uma mobilização da estrutura psíquica do leitor, sobretudo a sua fantasia. Não é exagerado afirmar que o ofício literário do escritor fantástico traz consigo um saber psicológico implícito, sobre o qual a tessitura da ficção se conforma com o intuito de mobilizar determinadas reações do leitor (Leite, 2009).

Partindo dessa premissa, é curioso constatar que o reconhecimento das manifestações do infamiliar acontece de modo mais fugidio e menos acessível na vida cotidiana quando comparado com a literatura (Freud, 1919/1997k; Jentsch, 1906). O mesmo, no entanto, não ocorre com a angústia (Freud, 1916-1917/1997i). Todavia, ainda que a irrupção desse afeto na vida cotidiana possa ser verificada, descrita e estudada em profusão, o seu caráter opaco e enigmático perdura, não se deixando dissipar.

Uma diferença relevante é que as vivências de angústia na realidade tendem a desencadear uma maior carga de desprazer (Freud, 1933/1997m), enquanto no campo da ficção elas normalmente são acompanhadas por uma sensação de fruição estética (Ceserani, 1999; Fisher, 2016). Pondera-se que, muito provavelmente, essa dimensão prazerosa da angústia faz parte de sua constituição psíquica, mas que no dia a dia, via de regra, tal tendência encontra-se velada ou inibida.

Depreende-se daí que a literatura, sobretudo a fantástica, tende a evidenciar e escandir o sentimento do *Unheimliche*, tornando-o mais acessível e verificável, ao passo que atenua o caráter desprazeroso da angústia, amplificando a experiência de gozo estético que esse afeto proporciona. Sugere-se que tal artifício aproxima esses dois fenômenos psíquicos, possibilitando então identificar o sentimento do infamiliar como um momento anterior da constituição da angústia como sinal de perigo pela psicanálise.

Após essas considerações, indaga-se se a mobilização da angústia na experiência de leitura é um traço contingente ou uma característica essencial de todo texto fantástico.

Acerca dessa questão, talvez não seja supérfluo lembrar que, a depender do autor, de sua cultura, idioma e preferências teóricas, a angústia pode assumir vários nomes. Tem-se então a referência aos termos temor, ansiedade, medo, apreensão, entre outros. Apoiado em Hans (1998), entende-se que todos eles podem ser interpretados como avatares ou sinônimos da angústia.

Constata-se que a maior parte dos críticos literários defendem que a promoção da angústia é um traço imprescindível da arquitetura do fantástico (Bellemin-nöel, 2001; Bessière, 2001; Roas, 2014). Apesar dessa tendência predominante, há autores que adotam um entendimento diferenciado. Esse é o caso de Todorov (2012), que trata a angústia como um componente importante e frequente do repertório da literatura fantástica, sem, contudo, considerá-la essencial. Já Alazraki (2001), por sua vez, propõe a existência de um subgênero literário surgido na segunda metade do século XX, o neofantástico, cuja marca principal em comparação ao fantástico tradicional é a ausência de angústia. Ele apresenta como precursor dessa modalidade literária o escritor tcheco F. Kafka (1883-1924) e, como o seu principal expoente, o argentino J. Cortázar (1914-1984). Os críticos de Alazraki chamam atenção para o fato de que a sua análise está alicerçada nas atitudes das personagens e não da reação do leitor à trama (Roas, 2014). Daí a conclusão de que, nos textos comentados por Alazraki, não só a angústia está presente na experiência de leitura, como ela é intencionalmente visada no processo da escrita literária.

De modo geral, o tema da angústia na literatura fantástica é associado ao projeto de produção dos sentimentos de surpresa e estranhamento no leitor (Campra, 2001; Nandorfy, 2001). Nesse contexto, é frequente a menção ao conceito freudiano do infamiliar como subsídio teórico para essa discussão (Ceserani, 1999; Todorov, 2012). Seguindo essa orientação, Casares (2013) propõe que o texto fantástico está organizado na forma de uma surpresa antecipada, que é pouco a pouco alimentada, ao mesmo tempo em que mantida em estado de suspensão até o desfecho da história, quando, após atingir o seu ápice, ela se dissipa. Emerge então no seu rastro uma enigmática sensação de realização estética.

Calvino (2006), no esteio de Casares (2013), sustenta que a perplexidade e a inquietação acalentadas pelo texto fantástico não podem ser episódicos, contingentes ou acidentais. Tais reações devem estar incrustadas no âmago da experiência de leitura. O autor propõe então a metáfora da rachadura de um cristal para ilustrar a participação da angústia na construção de um texto fantástico. Para ele, a angústia deve estar no centro da história desde o início da narrativa e, no desenrolar da trama, irradiar-se por todas as direções.

É curioso constatar que a mesma metáfora do cristal trincado utilizada por Calvino (2006) para tratar da organização sintática do texto fantástico serve também a Freud (1933/1997n) para apresentar a estrutura do aparelho psíquico na segunda tópica. Tal coincidência corrobora a hipótese de que há uma consonância entre o lugar da angústia na tessitura do fantástico e na

estruturação do aparelho psíquico. Nos dois casos, a angústia constitui um fenômeno nodal, um ponto para o qual uma gama de processos psíquicos converge.

Roas (2014), Campra (2001) e Nandorfy (2001) sugerem que a ideia de ruptura com a realidade é um traço fundamental da organização textual fantástica. Para eles, as histórias situadas no escopo dessa modalidade literária procuram produzir um tensionamento das representações que alicerçam o sentimento de consistência do cotidiano, favorecendo por essa via o surgimento de uma sensação fugaz de transcendência e indeterminação. Com isso, a discussão sobre o papel da angústia na constituição do fantástico ganha uma conotação sintática. O desafio que se coloca a partir daí para o crítico literário é o de mapear as vias por meio das quais uma subversão semântica é engendrada.

Esse projeto talvez possa ser constatado de forma mais evidente na crítica de Roas (2014) à teoria freudiana da angústia. Esse autor, ciente da importância da referência ao infamiliar para a definição do fantástico, percebe a necessidade de se afastar do pressuposto de uma matriz sexual da angústia em favor de uma explicação de cunho mais semântico e sintático. Ele defende então um retorno à proposta de Jentsch (1906), para quem o infamiliar é fruto de uma insegurança intelectual, e à tradição psiquiátrica, que opera com distinção entre angústia neurótica, de origem psicogênica, e angústia real, lastreada em um objeto da realidade. Roas (2014) mantém a referência ao conflito como central na explicação do fantástico, mas, dessa feita, a sua força motriz é deslocada para o exterior, na forma de uma ruptura no seio da própria realidade. O autor defende que essa tendência de conformação do fantástico é mais evidente na segunda metade do século XX, enquanto que no século XIX predomina o conflito interior, na esfera psicológica, portanto. Roas, então, apoia-se na física quântica, na condição de um saber paradigmático da atualidade, para respaldar esse entendimento da gênese do conflito. Daí, segundo essa concepção, a própria realidade se apresenta como multideterminada e contraditória, enquanto o conflito psicológico torna-se um fato secundário, derivado dessa tensão exterior.

Defende-se que essa explicação é instrutiva para demarcar as diferenças entre a metapsicologia psicanalítica e a teoria literária, no que diz respeito à análise do problema da angústia. Enquanto a psicanálise apresenta uma preocupação clínica e enfatiza uma etiologia pulsional, a teoria literária valoriza o próprio texto como móbil para a realização das reações afetivas do leitor. Nesse caso, ainda que não se ignore a importância da sexualidade no contexto de uma explicação do fantástico, esse fator é abordado mais como uma temática recorrente na tradição literária do que como uma força que participa do processo de divisão psíquica.

Entende-se que essa mesma preocupação de Roas (2014) pode ser encontrada em Fischer (2016), que, após reconhecer a importância da concepção freudiana do *Unheimliche* para a teoria literária, propõe uma distinção bem peculiar entre o infamiliar – ou *unhomely*,

como prefere chamar – e os termos *weird* e *erie*. A ideia de que a ênfase do infamiliar está em uma divisão interna, enquanto nos dois últimos em uma tensão externa também aparece aqui. Nesse caso, o *weird*, o estranho, é descrito como a justaposição lado a lado de elementos heterogêneos; já o *erie*, o misterioso e etéreo, é definido como a sensação metafísica que advém do contato com espaços vastos e inabitados.

De modo geral, constata-se como um ponto de consenso entre os teóricos da literatura que a modulação da angústia na literatura fantástica constitui uma estratégia para se obter uma determinada reação do leitor de dúvida e vacilação em relação à realidade. No entanto, deve-se admitir que a angústia também comparece como um elemento importante, até mesmo imprescindível, em outros filões literários. Cabe então perguntar se as manifestações da angústia na literatura fantástica apresentam alguma característica especial, idiossincrática.

Parte-se da ideia de que não há uma via única de realização da angústia na literatura fantástica. No entanto, talvez seja possível apontar algumas estratégias mais recorrentes e, daí, estabelecer uma diferenciação mais precisa entre o fantástico e outras modalidades literárias. Para o psicanalista, essa discussão é relevante, pois possibilita a construção de um mapeamento das diferentes modulações que a angústia é capaz de assumir a partir de sua relação com o sentimento do infamiliar. Pode-se dizer que essa arquitetura textual reflete a estrutura da organização psíquica do Eu, de seus conflitos e tensões.

Da perspectiva das estratégias de modulação da angústia, a literatura fantástica contrasta com a literatura policial e a ficção científica, de um lado, e com a literatura de horror, terror e suspense, de outro (Todorov, 2012; Vax, 1973). No primeiro caso, a ênfase está na superação do sentimento do infamiliar pelo exercício da razão. Tem-se então, na literatura policial, a apresentação de um fato inexplicável no início da história, que é pouco deslindado pela astúcia do protagonista, que, não raro, adota uma estratégia de investigação inusitada e pouco convencional, mas racional e pertinente. Trata-se de um olhar estrangeiro ou estranhado. Um exemplo disso é “A carta roubada”, de E. A. Poe (1809-1849 [1844/2006]).

Alguns textos de ficção científica seguem a mesma estrutura, ainda que se reconheça nesse filão a possibilidade de outros encaminhamentos. Deve-se ponderar que, nesse caso, o olhar estranhado advém da perspectiva de um estado hipotético, supostamente mais avançado, do saber científico.

Já no campo da literatura de terror, horror e suspense, percebe-se o esforço para evocar uma quota de desprazer e tensão, que é característica da angústia sinal e do seu desenvolvimento, sem, contudo, abandonar a fruição estética que a vivência desse afeto proporciona quando mediada pela ficção. Aqui as estratégias podem variar, desde a apresentação brusca de imagens e situações impactantes para desencadear o susto até

a construção gradual de situações que, de saída, parecem banais e cotidianas, e que vão gradualmente desvelando o seu caráter abjeto ou insuportável (Fischer, 2016; García, 2012).

Essa descrição é simplificada e esquemática, mas talvez seja suficiente para demarcar as modulações que o afeto da angústia e o sentimento do infamiliar podem sofrer na construção e recepção de um texto literário. Não raro, como defendido por Roas (2014), Todorov (2012) e Vax (1973), o fantástico assume aspectos híbridos, fundindo-se com as modalidades literárias com as quais faz fronteira. Por isso, alguns autores adotam a designação do insólito como um território amplo que abarca as modalidades literárias que exploram a angústia e a inquietação do leitor.

Esse percurso que foi trilhado no decorrer deste artigo foi necessário para evidenciar as especificidades da literatura fantástica. Pode-se dizer então que ela se esmera em cultivar o sentimento do infamiliar, evitando ao máximo o desenvolvimento da angústia para além de um determinado limiar, o que implicaria na ultrapassagem para o gênero de terror ou horror. Por outro lado, a estratégia de explicar um fato enigmático que habita o centro da narrativa fantástica é mais próxima da literatura policial e da ficção científica. O fantástico, portanto, toma para si a tarefa de amplificar o sentimento do infamiliar e de sustentar a sua duração. Nesse sentido, ele se aproxima da literatura de suspense. No entanto, diferentemente desta, o fantástico acalenta simultaneamente uma perspectiva cotidiana e racional, de um lado, e uma sobrenatural e transcendente, de outro, sem que haja predominância de nenhum desses polos. No suspense, a vertente de uma narrativa racional, cotidiana e realista tem a prerrogativa.

Sugere-se que essa propriedade do fantástico foi útil para Freud para a reformulação da explicação metapsicológica da gênese da angústia na década de 1920. A referência a esses textos literários, sobretudo com Hoffmann, tornou possível evidenciar os diferentes avatares da angústia que surgem no curso do desenvolvimento psíquico e que convivem lado a lado, como resíduo desse processo. Com isso, destacou-se a íntima relação entre a angústia e o infamiliar.

Considerações finais

Defendeu-se que, neste artigo, a literatura fantástica, ao explorar determinadas formas de reação estéticas do leitor, inspirou Freud na formulação de conceitos metapsicológicos estratégicos para uma explicação mais acurada do funcionamento do aparelho psíquico. Tal fato fica evidente ao se analisar a importância do conceito do infamiliar na reformulação da teoria freudiana da angústia na metade da década de 1920. Constatou-se ainda que, algumas décadas depois, a partir da metade do século XX, as contribuições freudianas sobre o infamiliar e a angústia são utilizadas pela teoria literária para fundamentar uma teoria do fantástico.

Foi proposto que, no texto fantástico, a angústia é apresentada de forma temperada, de modo a corroborar uma experiência relativamente contínua, duradoura e controlada de dessubjetivação e desrealização. Por meio dessa estratégia, evidencia-se o sentimento do infamiliar e as diferentes matizes que a angústia pode assumir. Desse modo, a referência à literatura fantástica, como um elemento suplementar à investigação clínica, permitiu que fosse possível na metapsicologia psicanalítica estabelecer uma distinção entre a) uma forma mais arcaica automatizada da angústia, b) a angústia-sinal e c) o desenvolvimento da angústia como falha da defesa psíquica e atualização de uma situação traumática constitutiva. Com isso, a angústia se transforma em resto do mecanismo do recalque no seu gatilho. Ela se torna então um sinal que designa uma ameaça narcísica e põe o recalque em operação. Essa formulação ajudou a situar algumas questões clínicas referidas à neurose infantil e às psicoses, além de colocar em pauta a problemática das neuroses narcísicas.

Sugeriu-se que, como ponto em comum, tanto a literatura fantástica quanto a psicanálise e a teoria literária estão interessadas na investigação do que se pode chamar de uma arquitetura do infamiliar. Deve-se ponderar, contudo, que em cada caso tal interesse tem motivações diferentes. Daí que, enquanto a psicanálise parte das manifestações clínicas e singulares da angústia para só então chegar ao comentário de textos fantásticos, a teoria literária segue o sentido inverso: ela se ocupa prioritariamente da análise formal de textos fantásticos e, ao se deparar com a necessidade de problematizar as reações afetivas do leitor, busca desenvolver, a seu modo, em diálogo com outros saberes, uma teoria da angústia.

Decorre daí que, enquanto a teoria literária está mais interessada em interrogar o engendramento da angústia por meio de uma estratégia textual sintática e semântica, a psicanálise coloca em primeiro plano os processos psíquicos advindos da divisão subjetiva, entendida como estrutural e estruturante. Por isso, Freud valoriza o pressuposto da etiologia sexual das neuroses e o conceito de recalque e narcisismo. A teoria literária, por sua vez, ainda que não exclua a importância da sexualidade para a literatura fantástica, aborda tal questão como uma temática recorrente, e não como o móbil da produção do infamiliar e da angústia.

Para além desses pontos que foram tratados no decorrer deste texto que se referem à interlocução entre fantástico, psicanálise e teoria literária, destaca-se uma questão mencionada que não foi desenvolvida, mas que é fundamental para a clínica psicanalítica e a investigação metapsicológica. Trata-se do problema da fruição estética desencadeada por algumas vivências de angústia. Resta então explicar quais são as condições que tornam possível que as vivências de angústia, que, frequentemente, proporcionam desprazer, tornem-se uma fonte de gozo estético. Para dar conta dessa questão, faz-se necessário debruçar-se sobre o segundo dualismo pulsional freudiano, que traz a novidade do conceito de pulsão de morte, e a reformulação da teoria do trauma na década de 1920. Espera-se dar continuidade a essa discussão em um novo trabalho.

Referências

- Alazraki, J. (2001). ¿Qué es lo Neofantástico?. In D. Roas (Org.). *Teorías de lo fantástico* (pp. 265-282). Madrid: Arco/Libros.
- Batalha, M. C. (2012). Literatura fantástica: algumas considerações teóricas. *Letras & Letras*, 28(2), 481-506.
- Bellemin-Nöel, J. (2001). Notas sobre o fantástico. In D. Roas (Org.). *Teorías de lo fantástico* (pp. 107-140). Madrid: Arco/Libros.
- Bessièrre, I. (2001). El relato fantástico: forma mixta de caso y adivinanza. In D. Roas (Org.). *Teorías de lo fantástico* (pp. 83-104). Madrid: Arco/Libros.
- Borges, J. L., & Ferrari, O. (2009). *Sobre os sonhos e outros diálogos*. São Paulo: Hedra.
- Calvino, I. (2004). Introdução. In I. Calvino (Org.). *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, I. (2006). Definições de territórios: o fantástico. In I. Calvino. *Assunto encerrado* (pp. 256-58). São Paulo: Companhia das Letras.
- Campra, R. (2001). Lo fantástico: una isotopía de la transgresión. In D. Roas (Org.). *Teorías de lo fantástico* (pp. 153-191). Madrid: Arco/Libros.
- Casares, A. B. (2013). Prólogo. In J. L. Borges, S. C. Ocampo & A. B. Casares (Orgs.). *Antología da literatura fantástica* (pp. 9-19). São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Ceserani, R. (1999). *Lo fantástico*. Madrid: Visor.
- Ferreira, N. (2009). O insólito é o estranho. In F. García & M. A. Motta (Orgs.). *O insólito e o duplo* (pp. 107-124). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Figueiredo, L. C., & Coelho Junior, N. E. (2018). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher.
- Fischer, M. (2016). *The Weird and the Eerie*. London: Repeater Books.
- Freud, S. (1962). Entwurf einer Psychologie. In S. Freud. *Aus den Anfängen der Psychoanalyse: Briefe an Wilhelm Fliess (Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902)* (pp. 296-384). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag.
- Freud, S. (1987). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1997a). Über die Berechtigung von der Neurasthenie einem bestimmten Symptomkomplex als “Angstneurose” abzutrennen. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. VI, pp. 25-49.). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1997b). Die Sexualität in der Ätiologie der Neurose. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. V, p. 11-35). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente Publicado em 1898).
- Freud, S. (1997c). Die Traumdeutung. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. II). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente Publicado em 1900).
- Freud, S. (1997d). Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. V, pp. 37-146). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente Publicado em 1905).

- Freud, S. (1997e). Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben (“Der kleine Hans”). In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. VIII, pp. 9-124). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1909).
- Freud, S. (1997f). Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides). In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. VII, pp. 133-228). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1911).
- Freud, S. (1997g). Zur Einführung des Narzissmus. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 37-68). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (1997h). Die Metapsychologische Schriften von 1915: Die Verdrängung. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 103-118). Frankfurt a. M.: S. Fischer. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, S. (1997i). Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse – Vorlesung 25: die Angst. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. I, pp. 380-397). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1997j). Aus der Geschichte einer infantilen Neurose (“Der Wolfsmann”). In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. VIII, pp. 125-232). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1918).
- Freud, S. (1997k). Das Unheimliche. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. IV, pp. 241-274). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (1997l). Das Ich und das Es. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. III, pp. 241-274). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, S. (1997m). Hemmung, Symptom und Angst. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. VI, pp. 227-308). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1926).
- Freud, S. (1997n). Neue folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse – Vorlesung 32: Angst und Triebleben. In S. Freud. *Studienausgabe* (Vol. I, pp. 517-544). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. (1999a). Die Abwehr -neuropsychosen. In S. Freud. *Gesammelte Werke* (Vol. I, pp. 57-74). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1894).
- Freud, S. (1999b). Zur Kritik der Angstneurose. In S. Freud. *Gesammelte Werke* (Vol. I, pp. 356-376). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1895).
- Freud, S. (1999c). Weitere Bemerkungen über die Abwehr -neuropsychosen. In S. Freud. *Gesammelte Werke* (Vol. I, pp. 377-403). Frankfurt a. M.: Fischer Verlag. (Originalmente publicado em 1896).
- García, F. (2012). Quando a manifestação do insólito importa para a crítica literária. In F. García & M. C. Batalha. *Vertentes teóricas e ficcionais do insólito* (pp. 13-29). Rio de Janeiro: Ed. Caetés.
- Gay, P. (1988). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hans, L. A. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

- Hoffmann, E. T. A. (2015). Der Sandmann. In E. T. A. Hoffmann. *Das Gesammelte Werke* (pp. 189-224). Colônia: Anaconda. (Originalmente publicado em 1817).
- Jentsch, E. (1906). Psychologie des Unheimlichen. *Psychiatrisch-Neurologische Wochenschrift*, 22(1), 194-198; 204-205.
- Lacan, J. (2005). *Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. (Originalmente publicado em 1962-1963).
- Leite, S. (2009). Silêncio, solidão e escuridão: sobre a travessia da angústia. In F. García & M. A. Motta (Orgs.). *O insólito e o duplo* (pp. 177-196). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Nandorfy, M. (2001). La literatura fantástica y la representación de la realidad. In D. Roas (Org.). *Teorías de lo fantástico* (pp. 243-261). Madrid: Arco/Libros.
- Roas, D. (2014). *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo, SP: Unesp.
- Poe, E. A. (2006). The Purloined Letter. In E. A. Poe. *The Complete Illustrated Works of Edgar Allan Poe* (pp. 219-333). Londres: Bounty Books. (Originalmente publicado em 1844).
- Rank, O. (1924). *Das Trauma der Geburt und seine Bedeutung für die Psychoanalyse*. Viena: Internationaler psychoanalytischer Verlag.
- Suassuna, A. (2012). *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Originalmente publicado em 1955).
- Todorov, T. (2012). *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva.
- Vax, L. (1973). *Arte y literatura fantásticas*. Buenos Aires: Eudeba.

Resumo

Inspirado na premissa de que a definição do fenômeno do infamiliar (*Das Unheimliche*) preparou a transição da primeira para a segunda teoria freudiana da angústia, o presente artigo interroga a conexão entre esses dois momentos de conceituação e a importância da referência à literatura fantástica para a sua articulação final. Defende-se que o comentário freudiano do conto de E. T. A. Hoffmann busca isolar na ficção literária as vias por meio das quais o infamiliar é evocado no leitor. Relaciona-se daí a eclosão desse sentimento a uma forma específica de modulação da angústia: originalmente um processo automático e inespecífico, a angústia se torna um sinal de ameaça à integridade narcísica do Eu. Essa mudança é um dos fatores que leva à proposição da segunda tópica. Posteriormente, as categorias freudianas de angústia e infamiliar participam da definição da literatura fantástica no campo da teoria literária, contribuindo para a sua distinção de outros territórios literários próximos, como a literatura de terror, de suspense e policial. Ao final, sugere-se que a problematização dos avatares da angústia na literatura fantástica pode contribuir para o desenvolvimento da investigação metapsicológica do infamiliar.

Palavras-chave: Infamiliar. Literatura fantástica. Psicanálise. Angústia. Narcisismo.

The Uncanny, the Fantastic Literature and the Psychoanalytic Theory of Anguish

Abstract

Inspired by the premise that the uncanny (*Unheimliche*) prepared the transition from the first to the second freudian theory of anguish, this article questions the connection between these two conceptual moments, emphasizing the importance of referring to fantastic literature for its final articulation. It is argued that the Freudian commentary on the short story by E. T. A. Hoffmann seeks to isolate in literary fiction the ways in which the uncanny is evoked in the reader. Thus, the outbreak of this feeling is related to a specific form of modulation of anguish: originally an automatic and unspecified process, the anguish becomes a sign of threat to the narcissistic integrity of the Self. This change entails a broader reconfiguration, which culminates in formulation of the second topic. After this, the categories of anguish and uncanny participate in the definition of fantastic literature in the field of literary theory, contributing to its distinction from other nearby literary territories, as the terror and suspense literature. In the end, it is suggested that the problematization of anguish avatars in the literature may contribute to a more accurate metapsychological description of the uncanny.

Keywords: Uncanny. Fantastic literature. Psychoanalysis. Anguish. Narcissism.

Le inquiétante, la littérature fantastique et la théorie psychanalytique de l'angoisse

Résumé

Inspiré par la prémisse que l'inquiétante (*Unheimliche*) a préparé le passage de la première à la seconde théorie freudienne de l'angoisse, cet article questionne le lien entre ces deux moments conceptuels, en soulignant l'importance de se référer à la littérature fantastique pour son articulation finale. On soutient que le commentaire freudien sur la nouvelle de E. T. A. Hoffmann cherche à isoler dans la fiction littéraire les manières dont l'inquiétante est évoqué chez le lecteur. Par la suite, l'éclatement de ce sentiment est lié à une forme spécifique de modulation de l'angoisse: à l'origine un processus automatique et non spécifié, l'angoisse devient alors un signe de menace pour l'intégrité narcissique du Moi. Ce changement entraîne une reconfiguration plus large, qui aboutit à formulation du deuxième thopique. Par la suite, les catégories freudiennes d'angoisse et d'inquiétante participent à la définition de la littérature fantastique dans le champ de la théorie littéraire, contribuant à sa distinction avec d'autres territoires littéraires voisins, tels que la littérature d'horreur et de suspense. En fin de compte, il est suggéré que la problématisation des avatars l'angoisse dans la littérature peut contribuer à une description métapsychologique plus précise du sentiment du l'inquiétante.

Mots-clés: Inquiétante. Littérature fantastique. Psychanalyse. Angoisse. Narcissisme.

Lo ominoso, la literatura fantástica y la teoría psicoanalítica de la angustia

Resumen

Inspirado en la premisa de que el ominoso preparó la transición de la primera a la segunda teoría freudiana de la angustia, este artículo cuestiona la conexión entre estos dos momentos conceptuales, enfatizando la importancia de referirse a la literatura fantástica para su articulación final. Se argumenta que el comentario freudiano sobre el cuento de E. T. A. Hoffmann busca aislar en la ficción literaria las formas en que lo ominoso es evocado en el lector. Posteriormente, la emergencia de este sentimiento se relaciona con una forma específica de modulación de la angustia: originalmente un proceso automático e indeterminado, la angustia se convierte en un signo de amenaza a la integridad narcisista del Yo. Este cambio produce una reconfiguración más amplia, que culmina en la formulación del segunda tópica. Posteriormente, las categorías de angustia y ominoso participan en la definición de literatura fantástica en el campo de la teoría literaria, contribuyendo a su distinción con otros territorios literarios cercanos, como la literatura de terror y suspenso. Al final, se sugiere que la problematización de los avatares de ansiedad en la literatura puede contribuir a una descripción metapsicológica más precisa del sentimiento del familiar.

Palabras clave: Ominoso. Literatura fantástica. Psicoanálisis. Angustia. Narcisismo.